



**PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS**  
AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL  
PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL  
DE05582008GRC



# O Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário • Fundador: Padre Américo  
Director: Padre João Rosa  
Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913

19 de Julho de 2008 • Ano LXV • N.º 1679  
Preço: € 0,33 (IVA incluído)  
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa  
Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt  
Cont. 500788898 • Reg. D.G.C.S. 100398 • Depósito Legal 1239



## MALANJE

### Cantinho de Família

**O** CAUEL! Um grupo de soldados entregou-o em nossa Casa de Malanje, há trinta e oito anos — tinha ele oito. Nos olhos, no rosto todo ele uma fome atávica. Logo na primeira refeição, sua mão esquerda poisou com firmeza no seu pedaço de pão. «Podes tirar a mão que ninguém tira a tua parte». Nada! Ele nem sabia que era pão. Viu os outros comer e marcou a posse. Todos os dias o mesmo gesto. Nos intervalos das refeições o nosso Cauel ia aos campos de milho e assava espigas para comer... Depois de um tempo, ficou um rapaz normal. Com a nacionalização da nossa Casa, o Cauel sumiu. Soubemos, agora, que aos treze anos tinha sido levado para a tropa. É sargento, casou e tem filhos. Vive a mil quilómetros da nossa Casa. Há dias, apareceu. Foi uma surpresa. «Venho ver o meu pai e meus irmãos — não tenho outra família!» Esta é a nossa modernidade. Onde estarão os campos da nossa actualização?...

\*\*\*

Sempre triste, o menino... Não lhe dá gosto brincar — até se isola e fica olhando os longes. Que pensamentos naquela cabecinha? Sentar-me a seu lado e falar-lhe nas flores, na lua e nas estrelas? Talvez, na avó. Ela morreu. Foi ela que o criou — tirando à sua boca, para ele, o seu pão — como mãe. Nada chega ao amor de mãe, ele perdura e marca. Certo que no coração deste menino, palpita o carinho de sua avó. Passo a passo a nossa Obra tem de fazer o lugar desta avó — pela ternura e carinho. É o caminho. É a família.

\*\*\*

Devido a vários factores, as nossas oficinas estiveram um pouco paradas: falta de madeira, de mestres e mesmo de obras por motivo da guerra. Surge agora, oportunamente, a proposta do Ministério de Reinserção Social para pormos as nossas oficinas a funcionar, em pleno, a fim de servirem de escolas profissionais. O Ministério propõe a ajuda necessária ao funcionamento, sendo nós a assumir e a orientar. Todos os nossos Padres concordaram e vamos começar. Tanto o desejo e a ideia do Ministério como o nosso, é que elas sejam verdadeira escola.

Podre Telmo

## CALVÁRIO

### A água

**N**O fontenário brota uma bica de água pura, nascida na rocha granítica da nossa quinta. Vem de longe, suavemente, para dessedentar quem dela se abeira.

Os pássaros debicam na pia onde ela tomba e os patos passeiam-se no lago contíguo onde ela se acumula.

Os doentes, com recipientes vários, vão ali pela água e, até, os visitantes a saboreiam e apreciam.

A disponibilidade da água é permanente. Não se cansa de jorrar. Mesmo à noite, a água canta, caindo, e quebra o silêncio.

Sempre apreciei a água corrente, mas mais a sua disponibilidade para se dar a quem tem sede.

Cristo também apreciava a água, quando percorria os locais tórridos da Palestina. Junto ao poço de

Jacob, pediu à samaritana que lhe desse água. Perante a hesitação daquela, declarou-Se, Ele próprio, como a Fonte da verdadeira água. «Se tu conhecesses o dom de Deus e Quem é Aquele que te pede de beber, tu é que lhe terias pedido... Quem beber da água que Eu lhe der, jamais terá sede, porque a água que lhe der tornar-se-á, nele, uma nascente de água a jorrar para a Vida Eterna».

Com esta simbologia, Cristo mostrou a Sua disponibilidade para matar a verdadeira sede do homem, que é a sede de infinito, a sede de Deus.

Aqui, no Calvário, encontro muitos doentes sempre prontos para servir. Um deles é o Couto. É homem para todo o serviço. Andava perdido e rejeitado na sua terra. Ninguém o visita, porque não acreditam na sua recuperação. Nós damos a mão. E eis: temos homem. É certo que estamos atentos ao perigo duma recaída. Entretanto, é a pessoa mais disponível nesta Casa. Todos o chamam para recados. Às vezes, aparece na cozinha perguntando se é preciso ajuda. Nos jardins é o mais diligente: não espera que o mandem.

Continua na página 3

## SETÚBAL

### São os frutos que dão a conhecer a árvore

**C**HEGOU o final de mais um ano lectivo escolar, este particularmente polémico e cheio de controvérsias.

No que diz respeito aos nossos Rapazes estudantes, quase nada trouxe de novo, a não ser, talvez, um pouco de melhoria na consciencialização dos objectivos que eles devem ter no desenvolvimento do seu trabalho escolar. Para isto, contribui não só o nosso

acompanhamento, mas também o acolhimento que lhes é dado na Escola, e que é tão importante, especialmente dos professores.

Em relação aos docentes, decorreu durante o ano lectivo um processo sobre a avaliação do seu desempenho, levando à formação de uma grande onda de contestação, coisa nunca vista nestas terras lusitanas. Senti-me sempre parte desta onda, e que

estava errada a direcção para onde apontava a mira avaliadora.

Olhando para dentro de portas, deveria concluir que, se os Rapazes que vão saindo da nossa Casa se tornassem, depois, pesos mortos da sociedade, é porque nós falhávamos no serviço que lhes prestámos. Similarmente, se os professores formados nas escolas que lhes deram a habilitação falham no seu serviço, é porque

as mesmas escolas não tiveram competência para os formarem. Aqui, um alvo a avaliar.

Mas não só este! Se os professores não puderem pôr em prática o seu saber, porque o local onde trabalham não lhes dá as condições para o fazerem com seriedade e liberdade, então aqui outro alvo a avaliar.

E quem condiciona o trabalho, dito autónomo, das escolas? Também ele, certamente, outro alvo a avaliar, pois ele mesmo é o legislador e o juiz daqueles que

formaram a onda com quem simpatizei.

Dou graças a Deus por no trabalho do dia-a-dia da nossa Casa, não entrar a senhora dona burocracia. Pai Américo deixou-nos este espírito, ele que não prestava contas do dinheiro que lhe passava pelas mãos, nem ao Senhor Ministro que lhas encheu para que a Casa de Paço de Sousa aparcesse. De facto não interessa ver a cor do dinheiro, mas os frutos

Continua na página 4

# Pelas CASAS DO GAIATO

## PAÇO DE SOUSA

**ESCOLA** — Na passada sexta-feira, 4 de Julho, foram afixadas as pautas das notas do terceiro período. Com elas, o resultado do trabalho ao longo do ano lectivo. Não foi brilhante, podia ter sido melhor. Em 11 de Julho, sairão os resultados dos alunos do 9.º ano. Esperamos que tenham aproveitado.

Antes, terminaram as aulas do 1.º ciclo. Houve uma festa de encerramento do ano lectivo para os dois finalistas deste ciclo. Os restantes, que são cinco, transitaram para o ano seguinte.

**INFANTÁRIO** — Também o nosso mais pequenino, foi finalista no infantário e houve uma festa para todos. O Zé Reis acompanhou-o. A festa começou pelos mais pequeninos com danças e trajes populares. Depois, receberam uma pequena lembrança. Por fim, foi o almoço de despedida.

**CASA** — Com o início das férias é preciso alindar a nossa Aldeia. O «Bolinhas» distribuiu os Rapazes por vários grupos e diferentes tarefas. Uns, varreram a Aldeia; outros, apanharam o lixo; outros ainda, fizeram a limpeza das casas, do refeitório, da copa, etc. Os mais pequeninos apanharam papéis e tiraram ervas junto ao campo pequeno. Trabalharam como «gente grande»!

**VISITA** — No passado fim-de-semana recebemos a visita dum antigo gaiato, o Abílio, a convite do nosso Padre Telmo. O Zé Reis foi o cicerone de serviço. Mostrou-lhe a nossa Aldeia e como era o nosso quotidiano. Obrigado pela visita, um grande abraço e boas férias.

**PISCINA** — Na última sexta-feira do ano lectivo, foi limpa. Abriu no sábado, 5 de Julho, para todos saborearem uns banhos refrescantes.

**AGRICULTURA** — Na segunda-feira, 7 de Julho, após a limpeza do celeiro, começou a apanha da batata. Este ano, devido ao mau tempo, é muito pouca. Não deve chegar para o ano todo!...

**FÉRIAS** — Desejamos a todos os Amigos e Leitores d'O GAIATO, umas boas férias retemperadoras de energias para os desafios de um novo ano de trabalho. Bem-haja a todos.

Zé Reis

## MIRANDA DO CORVO

**AGRICULTURA** — A maioria dos Rapazes encontra-se em férias escolares e tem-se ocupado nas tarefas agrícolas. Depois de se cortar a palha de aveia, deu no total 884 fardos! A palha que foi rebuscada nos campos e colocada no largo do gado, deu ainda 55 fardos. O calor e o pó tornaram o trabalho penoso; mas, vafeu a pena, porque assim os nossos animais vão ter comida para todo o ano.

Continuámos a cuidar da nossa horta. Arrancaram-se ervas daninhas no cebolo. Plantámos mais cebolo, porque algum se estragou. Semeámos um canteiro de alfaces. Plantámos algumas cenouras e mais couves. Estas plantas

foram arranjadas na feira de Miranda do Corvo, a 2 de Julho.

Nos pomares de citrinos, cortaram-se mais ervas, tiraram-se pedras, foram fresados e fizeram-se as caldeiras em volta das árvores, para serem regadas, como tem acontecido. Havia várias árvores de fruto em falta, pelo que se compraram, num viveirista da Lousã, a 4 e 8 de Julho, 43 citrinos e outras fruteiras para os pomares. É preciso plantar, porque é bom comermos da nossa fruta, às refeições. Os nossos pêssegos são mesmo bons!

Andámos a sachar o milho, porque a junça é uma erva muito ruim. A rega do milho e da batata tem sido feita diariamente, com as temperaturas a subir.

**JARDINAGEM** — Os vasos do átrio da nossa Casa estavam a precisar de ser renovados. Assim, plantámos mais sardinheiras, alguns cíclames e azáleas. Ficou mais bonito, com flores, junto ao busto de Pai Américo e ao Oratório!

Foi preciso comprar uma máquina de cortar sebes. A relva dos jardins foi cortada. O seu sistema de rega estava com problemas em vários aspersores, que foram arranjados.

**ANIMAIS** — Foram compradas mais 5 galinhas, na feira, para aumentar a nossa capoeira. E tem dado resultado, pois os ovos já apareceram! O Bruno Neves tem andado a tratar do gado. O sr. Dr. Cameira veio vacinar o nosso cão, contra a raiva, a 3 de Julho, e deixou-nos desparasitante. Bem-haja!

**PADARIA** — A nossa padaria funcionou dois Sábados, seguidos. Assim, o Zé Pinóquio e alguns Rapazes cozeram duas fornadas de pão, a 28 de Junho e 5 de Julho. O nosso pão tem outro sabor!

**BENS ALIMENTARES** — A recolta de bens necessários tem continuado e agradecemos as ofertas. Fomos buscar pães que sobraram, numa padaria de Anadia. Chegaram alguns produtos agrícolas de Bendafé. Da Lousã, vieram sobras da Academia de bailado. De Miranda do Corvo, veio algum pão. Um Amigo da Lousã trouxe-nos produtos de limpeza.

**PISCINA** — Com o calor que se tem feito sentir, ao fim da tarde, na hora do recreio, temos tomado muitas banhos, e alguns mergulham na prancha com acrobacias, mas cuidado... É preciso não deixar roupa pelo chão e passarem-se pelo chuveiro. Alguns cabelos andavam a precisar de cortes curtos, o que veio a acontecer. Ainda faltam mais.

**DESPORTO** — O ringue, depois de jantar, tem sido palco de aguerridos desafios de futebol, com algumas caneladas. São treinos para a nova época futebolística.

O senhor Enfermeiro André, que colaborou com o nosso Grupo Desportivo, concluiu o seu estágio hospitalar, em Coimbra. Parabéns!

**ESCOLAS** — Dos Rapazes que residem, no tempo lectivo, no nosso Lar de Coimbra, referimos que o Natanael transitou para o 6.º ano, o Cristiano para o 9.º ano e o Rúben Fonseca para o 12.º ano, de Electricidade.

O Nelson não terminou o 8.º ano de Cozinha e, com 18 anos, foi arranjar trabalho para junto da família. O Jorge Morgado, com 25 anos, e que tirou o Curso de Estofador, em que trabalha, lançou-se para a vida, com a nossa ajuda.

Os resultados finais das avaliações dos Rapazes do 5.º, 7.º e 8.º anos, que frequentaram a EB 2,3 c/ Sec. José Falcão, de Miranda do Corvo, foram positivos, pois passaram todos. Alguns podiam-se ter esforçado mais e ter melhores notas.

**ANIVERSÁRIOS** — São dias mais alegres, quando fazemos anos. Assim, o Rui fez 15 anos, a 25 de Junho, e o Paulo fez 17 anos, a 26 desse mês. Tiveram bolos de aniversário. Parabéns aos aniversariantes!

**VISITAS** — Temos a destacar a visita de alguns Amigos de Castelo Branco e Escalos, a 29 de Junho, Domingo; no dia em que foi ordenado Bispo, em Coimbra, o Senhor D. João Lavrador, a quem desejamos muitas felicidades, como Bispo Auxiliar do Porto.

A Sr.ª D. Fernanda mobilizou várias pessoas, que vieram num autocarro, cedido pelo Município; e, depois do acolhimento, participaram na nossa Eucaristia Dominical, em que os nossos Padres Manuel e Acílio concelebraram. Trouxeram bens alimentares e uma fritadeira, que agradecemos. Entretanto, prepararam um almoço saboroso, servido na sala. A merenda também foi agradável. Partiram felizes e nós muito sensibilizados e gratos com o carinho destes Amigos e Amigas!

**ENCONTRO DOS ANTIGOS GAIATOS** — Aconteceu a 6 de Julho, Domingo, e com mais presenças. De manhã, decorreu uma Assembleia Geral. Seguiu-se a Eucaristia, na nossa Capela. O almoço, de arroz à valenciana, para todos os Gaiatos presentes e suas famílias, foi no nosso salão, em ambiente de amizade. O nosso bar esteve aberto, para a bica. De tarde, foi disputado um jogo de futebol, em que os actuais Gaiatos venceram os antigos por 7-3. Houve mergulhos na piscina e uma boa merenda. Estés encontros são importantes na vida da nossa Casa do Gaiato, até para fortalecer o espírito de família.

**CATEQUESE** — O ano catequético 2007/2008 terminou com uma celebração da Palavra e Adoração ao Santíssimo Sacramento. A Mafalda preparou o guião e todos os Grupos de Catequese participaram, na nossa Capela, a 28 de Junho, num momento de oração, à luz da parábola dos talentos.

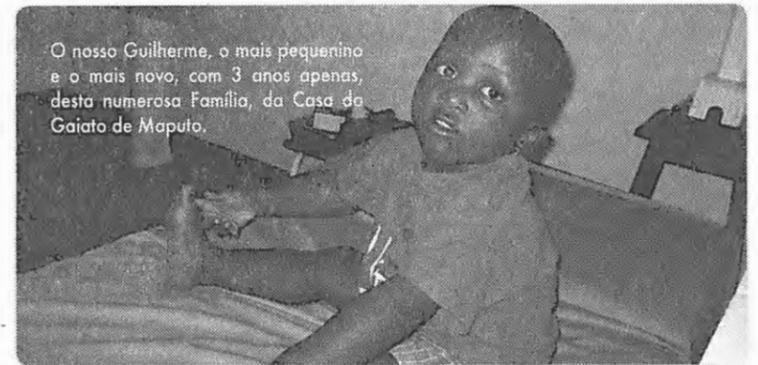
**PREGAÇÕES** — No dia 5 de Julho, Sábado, decorreu na Igreja da Misericórdia, em Penafiel, uma Eucaristia, integrada no Encontro dos Antigos Alunos do Colégio de Nossa Senhora do Carmo, em Penafiel, no qual Pai Américo fez a 4.ª classe (em 1899). Estes Amigos partilharam com a nossa Casa. Muito obrigado!

Depois, fomos agradecer à Comunidade cristã paroquial de Valongo, nas Eucaristias vespertinas, na Capela da Misericórdia e na Igreja Matriz, a visita e partilha que fizeram à nossa Casa. Fomos muito bem recebidos e agradecemos imenso!

Alunos do Alternativo

## MOÇAMBIQUE

**UMA ALDEIA SAUDÁVEL** — A nossa Aldeia está construída na encosta da serra de Moguene, longe dos perigos da cidade e virada a nascente; para



O nosso Guilherme, o mais pequenino e o mais novo, com 3 anos apenas, desta numerosa Família, da Casa do Gaiato de Maputo.

que o sol sorria, aqueça e ilumine os corações dos nossos cento e sessenta Rapazes que hoje desfrutam de um novo lar e de uma nova vida para uma sociedade mais justa e mais digna no crescimento educacional, na saúde e no trabalho, afastando assim, vícios inerentes de marginalidade, próprios de garotos da rua.

É visitada por várias entidades deste país, da Europa, particulares e, Amigos, pelo seu exemplo no amor, no trabalho e no desenvolvimento na área social, ao serviço das crianças abandonadas e na ajuda habitacional das populações, e não só...

Um recanto de beleza natural e apaixonante para quem aqui passa.

O trabalho, para estes Rapazes, é a grande arma no combate à percaridade, tudo é feito por eles e para eles enquanto for possível, para que os desvios comportamentais, provocados por traumas psicológicos, se dissipem.

A pecuária e a agricultura devem, dentro dos possíveis, ser o garante da sustentabilidade das Casas do Gaiato, o que nem sempre acontece por várias razões entre as quais: intempéries, má qualidade das sementes e o terreno.

Ao todo, temos cento e noventa e nove cabeças de bovinos, incluindo os bezerros nascidos, mas poucas vacas leiteiras habitam no estábulo. Os demais bovinos, ficam nos pastos da fazenda.

São ordenhadas às três da manhã e às três da tarde pelos nossos Rapazes, mas nem todas dão leite, daí os quarenta e cinco litros/dia. Para além dos bovinos, temos treze burros para distração dos Rapazes, cento e um cabritos, duzentas e onze ovelhas. Temos, também, duzentos e setenta suínos e muitos leitões para consumo da Casa e Creches.

Do leite das vacas, cabras e ovelhas, fazemos manteiga, queijo e requeijão.

**UM PARDALITO** — Seis da manhã, hora do pequeno-almoço. Um pardalito entra pela porta do nosso refeitório na hora H, saltitando de mesa em mesa até chegar junto de nós para receber, no seu bico, uma guloseima.

Muito a seu jeito e com ar inocente, abraça-nos e cobre-nos de beijos com muita doçura e muita ternura num gesto de simplicidade, agradecendo.

Já deitado no solo, delicia-nos com o seu malabarismo, rebolando e saltitando de um lado para outro com muita graciosidade e, só depois, se junta ao seu grupo, os «Batatinhas», do qual faz parte, para saborear a papinha com leite e pão.

Falo do nosso Guilherme, o mais pequenino e o mais novo, com três anos apenas, desta numerosa família da Casa do Gaiato de Maputo.

Um amor de criança, cheia de vida e redondinho, de olhos vivaços e bugalhudos, muito ágil e bem disposto, com a particularidade dos cíntes de outros «Batatinhas», quando estes se aproximam.

É afagado no regaço por todos, pela tenra idade e graça que tem e, também,

pela felicidade e segurança que nos transmite, no seu olhar sorridente.

Deu entrada nesta Casa em Janeiro do ano corrente, pelas mãos das Irmãs da Caridade de Madre Teresa de Calcutá.

Uma história triste e arrepiante que lhe estava traçada por uma mãe treloucada que, no primeiro e segundo parto, termina com a vida dos seus filhos.

A avó, junto dos médicos do hospital de Bilene, reclama para si o neto, justificando a incapacidade da mãe, sua filha.

Informados do estado psíquico da mãe e das muitas práticas de bruxaria que a avó fazia, resolvem entregar este lindo bebé às Irmãs da Caridade, com apenas um dia de vida.

Quando completou os três anos, as Irmãs dão-nos como presente este rebento com um fim feliz.

**AGRICULTURA** — Semeou-se na época passada, vinte e cinco hectares de milho amarelo, cinco de girassol, cinco de soja e uns tantos de feijão. Quanto às colheitas deste ano, rondaram um prejuízo de 30 a 40% pela má qualidade das sementes, compradas na África do Sul. Do milho, colheram-se cento e cinquenta toneladas, vinte de girassol e a soja está por contabilizar.

Da soja, sai o leite, queijo e hamburgas.

Este ano já temos no terreno vinte e cinco hectares de feijão a ser regado pelo pivot, do que se espera melhores resultados, isto se as nuvens chorarem de quando em vez.

A nossa horta está recheada de tomate, repolho, cenoura, alface, tronchuda e feijão verde, quanto à cebola e alho, estão plantados num outro terreno em doses industriais.

Júlio Silva

## SETÚBAL

**RAPAZ NOVO** — Recebemos, outra vez, na nossa Casa, de braços abertos, mais um Rapaz para a nossa responsabilidade. Chama-se Pedro Miguel e completou 12 anos. Ao terminar este ano lectivo, transitou para o 6.º ano de escolaridade. O Pedro ainda é muito fechado mas todos nós já reparámos que com a nossa boa disposição e conversa constante, o faremos sentir-se da Família e que, essencialmente —, é para isso que existimos — fazermos da nossa amizade uma irmandade e unirmo-nos em Família. Nós, Rapazes, somos uma peça importante que dá andamento a esta maravilhosa Obra da Rua. É bom sinal sabermos que ainda existem crianças que, ao juntarem-se a nós, sabem para onde vêm e que gostam de nós. Agora resta-nos saber o



# Património dos Pobres

**E**NCONTRO os Pobres de muitas e variadas maneiras. Muitas vezes, são eles que me levam: «*Sei de uma família a enfrentar grandes dificuldades*».

Podiam fechar-se nas ajudas que lhes dou, mas não; conduzem-me a outros sem qualquer receio que se esgotem os recursos que me envolvem. Acreditam, como eu, na Providência de Deus.

Andar com os Pobres a visitar outros é reconhecer a companhia do Senhor e saboreá-la como a melhor delícia!... Não precisamos que nos mostre as feridas dos cravos nem que ponhamos a mão na chaga do Seu lado, como Tomé; o encanto da sua Presença escondida, mas real, enche-nos e torna-O sensível.

Era um pátio, no Porto, a estes condomínios(?) fechados, Pai Américo chamou-lhe ilhas.

A gente vai, na cidade ou na rua, e o que vê, são prédios, casas, ou muros altos. Passamos pela ilusão de que, por ali, todas as pessoas moram com dignidade!...

As ilhas escondem-se por detrás de altas paredes com uma estreita entrada ou, depois das casas, que lhes dão acesso.

Invariavelmente dispõem-se em retângulo, fechado por todos os lados, menos pelo da frente, se não fica ligado à casa do senhorio. As apertadas e contíguas moradas são cobertas numa só água voltada para dentro e quase sempre do insalubre lusalite, no Verão, muito quente e no Inverno, muito frio.

Um corredor de três ou quatro metros de largura, a céu aberto, dá passagem para todas as pessoas do aglomerado e, contêm, ao centro, uma ou duas retretes comuns, às vezes, com chuveiro.

Foi a um destes pátios que me levaram por causa de uma jovem, prestes a ser mãe.

Num quarto, onde só cabia a cama, dormiam os pais e um irmão de nove anos, no outro, de iguais dimensões, pernoitava ela e o namorado.

Ao centro, um estreito corredor servia de cozinha, sala de comer e convívio. E era tudo!... Cinco pessoas em tão exíguo espaço!...

Como podia ali crescer mais uma pequenina!?!...

A moça é de Leste e não está ainda legalizada. O rapaz trabalha, mas não desconta.

Faz todos os dias, para a oficina do seu serviço, de ida e volta, 34 quilómetros em bicicleta a pedal.

Não podem contar com nenhuma ajuda oficial. Tudo tem de ser expiado por eles!

Paguei o aluguer de um apertado primeiro andar, por dois meses, para ali criarem o seu menino. Dei-lhes cem euros para a entrada de um esquentador, uma cómoda e um roupeiro usados, loiças, roupas de cama e um fogão trazido pelas Senhoras de Castelo Branco, lembrando-lhes que isto, eram dádivas de Deus de Quem eu era enviado!...

Não cabiam em si de surpresa e alegria!...

Naquele pátio e naquele fim de tarde, ninguém mais falou de outra coisa!... Durante toda a vida, se não-de lembrar desta hora!...

Lobriguei então que, sem advertir, pregava eficazmente o amor de Deus!...

\*\*\*

Quero agora dar conta do que me tem chegado às mãos e ao coração:

Alguém se escondeu por uma terceira pessoa que me entregou mil e quinhentos euros, em notas. As Senhoras de Castelo Branco, de visita à Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, puseram-me no bolso, 670 euros e um antigo gaiato, no mesmo lugar e da mesma forma, depôs 30. A Maria Susana, da mesma cidade, não esquece a sua contribuição mensal e, pela Maria do Rosário, 500 euros: «*oferta das pessoas amigas habituais*».

De Lisboa, Av. Estados Unidos da América, um cheque de 250 euros. Da Rua Manuel Marques, quinhentos euros; e da Ramalho Ortigão 125 euros. De Maria Graziela, 10+15+30 euros. Assinante 1435, quatrocentos euros. A pedir uma oração pela saúde de seu marido, cem. Assinante 8047, 150 euros. João Nuno: «*Obrigado por ler n' O GAIATO tantos gestos nobres sempre no caminho do*

*Bem*», cinquenta. Da Av. Cidade Lourenço Marques, 1.500 euros. Rua da Palmeira, 200 euros. Rua Alves Redol, 15 euros. Av. 5 de Outubro, assinante 23785, 50 euros. De Carcavelos, uma Amiga: «*Não faço mais que o meu dever*», cem. Linda-a-Velha, «*Peço uma oração pelos meus bisnetos*», igual importância.

Maria Luísa, de Rio de Mouro: «*Não posso ficar desatenta às suas palavras, (...) por isso, lhe envio este pequeno cheque de 50 euros. Eu sou uma apaixonada por esta Obra e tenho pena que o meu dinheiro não tenha o tamanho do meu coração. Mas Deus dá-me tanto em troca!...*» Queluz, 20 euros. Capelina da Sagrada Família e Amigas de Cascais, 220 euros.

De Beja: «*A pequena importância que envio não é para pagar nada, porque sei que a Eucaristia e as Graças do Senhor não há preço que as pague!*»

O assinante 4395, cem euros; e a mesma importância da Lia. De Amadora, três parcelas de cem: para o Calvário, Património e Paço de Sousa. Maria José, do Porto, cem. «*Sou uma velha admiradora da Obra do Padre Américo — O selo do Divino está bem patente em todas as aventuras que a Obra do Gaiato tem realizado*».

De Coimbra, M. da Conceição, cem. Maria Adelina, 50 euros. Da Corujeira de S. Martinho do Bispo, 500 euros. Do Alto de S. João, assinante 39549, idem. Ester, 50 euros. Da Figueira da Foz, Maria Assunção, 200 euros, para «*faldas e leite de um bebé*».

Do Casal do Braz, cem. De um sacerdote do Seminário de S. José, 250 euros. Bucelas, aparece com 100 euros. Ourenã: «*Venho por meio desta, enviar estas pequeninas migalhas, juntas com muito amor porque é o amor de Jesus que nos desafia a partilhar. Não é a renúncia quaresmal, mas a renúncia de todo o ano como podemos partilhar com quem ainda precisa mais. Não tenho I. R. S.*». Maria de Lourdes, de Santo Estêvão, 50 euros.

Portimão: «*A vossa coluna Património dos Pobres, desperta-nos*

que achará da nossa Casa e dos seus novos amigos. Desejo-lhe a minha melhor amizade.

**PRAIA** — Já lá vão três semanas de férias... Os nossos pequenitos, sim, aqueles miúdos queridos, estão encantados com o que este Verão lhes tem oferecido. Aproveitar a praia é o que eles querem neste momento. Eu também gosto da praia mas, nestas alturas da vida, há que lutar pelo que está para, mais além dos gostos, e pelo que realmente queremos. Lá se vão passando os dias e cada vez crescemos mais, interiormente. Uns sim, outros não. Uns querem crescer, outros preferem ficar ali parados à espera que o tempo lhes dê tamanho. A praia dá-nos oportunidade de desfrutarmos o tempo e poderemos descansar. É isso, essencialmente, que nós, rapazes, estamos a tentar fazer para depois entrarmos na escola com o nosso crescimento que vamos ganhando neste tempo.

**FUTEBOL DE RUA** — Há cerca de três semanas, o nosso grupo de futebol foi convidado pela nossa amiga Santa Casa da Misericórdia do Seixal, para nos inscrevermos num pequeno

torneio de futebol de rua, a contar para o apuramento nacional que se realizará na cidade do Porto. O nosso grupo partiu para Corroios numa manhã de Domingo com o objectivo de jogar a fase de grupos num desporto que nunca havíamos disputado. Até nem nos safámos mal ao passarmos para a fase seguinte que, designadamente eram as meias-finais. Jogámos bem, sem desentendimentos, sem problemas... tudo bem. Chegados à final, perdemos por 6-1. Uma derrota amarga para um ciclo saboroso. Mas, por fim, gostámos de jogar. Esperamos que continuem a contar connosco e que nos visitem os vencedores para ajustarmos contas!

**TRABALHOS** — Nesta época do Verão é preciso que todos os rapazes colaborem nos trabalhos que necessitamos fazer na nossa quinta. As nossas laranjeiras precisam de ser regadas, a erva aparada e a cevada colhida. Foi o que os nossos rapazes fizeram nestas semanas. A erva já foi rapada e a colheita já está pronta. Os rapazes também já estiveram a regar as árvores para a nossa fruta estar pronta para a época da Primavera.

Daniilo Rodrigues

## Calvário

Continuação da página 1

A disponibilidade é uma das características deste nosso viver em família. Não falo de nomes, mas os voluntários e voluntárias estão, igualmente, sempre prontos. Organizam-se para servir. Julgo que têm necessidade disto. Pois, quando não podem aparecer, «sentem saudades» — dizia-me um deles. Parece que aprenderam com estes doentes a estarem disponíveis.

A disponibilidade é uma virtude rara, hoje em dia. Todos têm muito que fazer. Mas o tempo é elástico se o soubermos aproveitar.

A água canta na fonte, dia e noite, à espera de quem tem sede.

Padre Baptista

para a urgência em ajudarmos estes necessitados», cem euros. Ana Tiago, 150. Assinante 64598, cinquenta euros.

Maria Aurora, cem. Assinante 11282, a pedir que não agradeça, 125 euros. De Celorico da Beira, a pedir pelo filho, 50.

Porto, Rua S. Dinis, 25 euros. Viseu, assinante 77676, 60 euros. Belazaima do Chão, cem. Aveiro, assinante 52820, cem euros.

De Aguiar da Beira, por duas vezes, 150 euros, sem recibo e em segredo. Braga, Elisa Rosa, cem. Cabanas, Palmela: «*Acabo de ler O GAIATO. (...) Fico sempre muito abalada, e ainda bem, com tudo o*

*que leio e faz-me reflectir o quanto nós, que nos dizemos Cristãos, mostramos ao mundo que nos rodeia um Cristo distorcido*», 50 euros.

De Paio Pires, 5 euros em nota escondida. Murtosa, vale de 20 euros. Do Estoril, a pedir anónimo, mil euros. Da Cova da Piedade, dez mil, e na visita a uma doente 300 euros.

A direcção postal do Património dos Pobres:

Lar do Gaiato  
Trv.º Padre Américo  
3000-313 Coimbra.

Padre Acílio

## DOCTRINA



«*Tenho de escalar pouco a pouco a montanha no alto da qual brilha a Cruz*»

«**D**ESEJAVA assinar O GAIATO. Já o conheço porque a minha irmã assina-o e, em Coimbra, onde estudo Medicina, também o costume comprar quando encontro os gaiatos de Miranda do Corvo. Mas agora quero associar-me mais intimamente a essa divina Obra de restituição da dignidade humana a esses nossos Irmãos menos favorecidos.

Vou mandar um vale de correio de 100\$00, para pagar a assinatura. Não representa grande sacrifício porque o Senhor fez os meus pais depositários de alguns bens de fortuna.

Meu Padre, além do bem que me faz por intermédio d'O GAIATO, queria-lhe pedir o favor das suas orações.

Peço-lhe, sobretudo, que rogue ao Senhor, para que eu seja muito puro! Pureza! É o que mais ambiciono para mim, para todos os Jovens de Portugal e do mundo. Creio que só ela dará a tranquilidade e a paz, o respeito mútuo entre os indivíduos e os povos.

Só fugazes condições de fortuna me distinguem desses meus irmãos; de resto tenho, como eles, de vencer muitos vícios, de fazer germinar algumas boas sementes, de escalar pouco a pouco a montanha no alto da qual brilha a Cruz.»

**T**AMBÉM eu, meu caro rapaz. Também eu, se não parecesse mal, havia de pedir as suas orações por aquela mesma intenção para que pede e deseja as minhas. Sem ser um teólogo, este Moço enuncia nesta sua carta o dogma do pecado original. Talvez que assim pregado por um estudante de Medicina, ele seja acreditado por muitos que até hoje não acreditavam e comecem a procurar o remédio. Qual é ele? É ainda o mesmo pregador que o indica. Vem lá na carta.

**Q**UANDO numa vez li num jornal que em certo Asilo de velhos, um velho de oitenta anos matou outro da mesma idade por questões de ciúmes — quando vi esta notícia no diário, tremi. O quê?... Aos oitenta anos?!... Sim senhor. Aos oitenta como aos vinte. Qualquer idade. Qualquer estado. Qualquer terra. Sempre e em toda a parte o dogma. Os dogmas são fundados numa verdade eterna.

**S**IM. Também eu, se não parecesse mal, havia de pedir orações a quem mas pede, justamente para o mesmo fim...! E ponto final. Não devo ir mais longe para não ofuscar o pregador de hoje. Somente um reparo. Qual é ele? É o saber a gente que, apesar de tudo, ainda há no mundo um maior número de sábios impertigados do que sábios humildes!

*Padre Américo*

(Do livro Doutrina, 1.º vol.)

## MOÇAMBIQUE

## Deus precisa dos homens

QUANDO me sento a pensar n' O GAIATO que aguarda esta crónica, nem sempre quinzenal, mergulho na imensidão. A presença de Deus na nossa vida embrenha-se pelos espaços. Tão palpitantes de vida, neste Hemisfério Sul, e tão grandes os seus problemas e mistérios que, parece, nos afogam. Não é que queiramos abraçar a todos, mas somos uma verdadeira gota de azeite para lenitivo dos que nos cercam.

A nossa Aldeia da Massaca esteve assolada pela cólera. Irrompeu inesperadamente. Maria José com a sua equipa saiu, até bem de noite, pelas ruas, com mega-

fone nas mãos, a convocar para reuniões de emergência e distribuição de hipoclorito e lixívia, para lavagem do corpo, roupas, verduras e toda a espécie de água utilizada pela população.

A água, tão escassa e tão preciosa, é o veículo mais traiçoeiro, embora não o único, para a propagação da doença. Esta, manifesta-se por vômitos e desintéria aguda que originam uma desidratação rapidíssima, o que, para saúdes precárias, leva rapidamente à morte, se não há imediatos recursos médicos. O Hospital de Boane encheu-se. A nossa ambulância, andou dia e noite levando doentes. Quarenta no dia mais aflitivo.

Mais de cento e cinquenta até agora. Dois adultos e duas crianças perderam a vida. Mas sabe-se que outros não chegaram a passar pelo Posto de Saúde e mais alguns perderam a vida.

Começaram a regressar a casa; alguns ainda voltam com recaídas; mais alguns casos novos, mas poucos. Passou o susto. Noutros anos e aqui mais longe à nossa volta, foi mais grave, porque em muitas Aldeias em simultâneo. A Massaca nunca foi atingida, pela profilaxia que se usou sempre. Desta vez, não obstante as medidas de cautela, foi uma autêntica surpresa. Graças à generosidade e prontidão das pessoas que tra-

balham connosco o mal pode considerar-se debelado. Exultamos de alegria porque o Senhor está connosco.

Mas somos uma verdadeira gotinha de azeite na imensidão. Quantos por aí fora precisam e não há quem esteja presente com o bafo da vaquinha do Presépio. Deus verdadeiramente precisa dos homens. Não é uma frase que marcou um livro de Gilbert Cheshbron. É um palpitar da vida que Deus nos dá e temos de repartir. É o Amor loucamente apaixonado pelos homens, Sua imagem. E nós, homens, sujamos o amor de Deus trocando-o pelo amor próprio. Daí tanta injustiça, tanto ódio, tanta revolta, tanta miséria. Queremos equilibrar a sociedade com espartilhos, com leis inteligentes, sem base no Amor de Deus. E só este verdadeiramente liberta. Só este tem dimensão universal para todas as nossas misérias.

Ao ler, agora, de manhã, o relatório da Festa do dia internacional da Criança em Ndividuane, que decorreu muito bem, com a participação de toda a Comunidade, as mães líderes, professoras e monitoras e as estruturas tradicionais, vem um travo de amargura, registado pelo coordenador. A uma distância de sete quilómetros dali, quatro anciãos, já alquebrados pela idade e sofrimentos da vida, foram escorraçados da aldeia, acusados de feiticeiros e queimaram-lhes as casas. É sempre o mesmo tabu. Em que mundo nós vivemos! Mas será que é assim tão diferente no mais avançado, chamado primeiro, onde são abandonados em lares, para que outros cuidem, destruindo-lhes todas as ligações afectivas? Que bom é estar aqui para acolher, para sarar, para abrir caminhos novos de amor, para sofrer com os que sofrem.

Padre José Maria

## Escola

A O reler o escrito de há quinze dias penso que será de explanar melhor o juízo acusatório de *deformação* que faço à Escola que temos. De facto, ela tem-se tornado cada vez mais absorvente no tempo que ocupa na vida dos alunos, sem contrapartida de mais e melhor instrução nem de promoção de verdadeira cultura, nomeadamente no que se refere à essencialidade do trabalho. O crescimento da escolaridade obrigatória é, em si mesmo, um bem, mas não absoluto. Para o ser, efectivamente, exigiria uma triagem nos primeiros níveis que, em função das capacidades dos alunos e das apetências reveladas, apontasse para uma diversidade de caminhos de escolaridade que respondesse à variedade dos resultados do rastreio. Mas isto num princípio de vida, sedimentando uma filosofia que tenha por meta o trabalho como condição de cidadania digna é útil. Porque mais tarde, por um caminho único que toda a gente já pôde observar que não serve, mas continua, embora com multiplicidade de artificios e medidas de excepção em busca de atenuar o erro e conduzir à escolaridade obrigatória decretada, custe o que custar — já se não vai a tempo de remediar. Neste ponto, o adolescente ou o jovem já foi demasiado tempo estudante para que não tenda a julgar indigna de si uma ocupação laboral em que pode ter que sujar as mãos; e não adquiriu a consciência da sua inaptidão. Nem tal é caminho de felicidade para a Juventude!

Afinal esta diversificação a partir dos primeiros níveis até já se fez e com sucesso comprovado. Creio que foi em nome de uma *deselitização* do Ensino que se mudou de caminho, caracterizado agora pela sua unicidade, alteração da nomenclatura das Escolas, predomínio da extensão sobre a qualidade — sempre desatentos à conformidade conveniente ao Povo que somos. Copiar modelos estrangeiros, quase sempre já desfasados das experiências alheias, foi muitas vezes tentação de quem nos governa e um sinal da sua pequena *auto-estima* a respeito dos Portugueses. Corrigir esta opção não implica, pois, «redescobrir a pólvora». Não acredito que honestamente alguém duvide da eficácia do Ensino Técnico que já houve, relativamente às experiências profissionalizantes do presente. Também aqui não vale pretender «servir dois senhores». Falha o serviço na vertente académica e na profissional. E arrasta — repito — a idades algo avançadas em que os jovens acabam por descobrir em frustração que não estão preparados para as realidades do mundo que os espera; e é tarde para recomeçar. As diferenças naturais que há entre eles, persistem, à margem mesmo dos estratos sociais de que provêm — o que terá estado na origem do descaminho por que se optou... «Cada um é como cada qual» — costumava dizer Pai Américo dos nossos Rapazes. É sobretudo para esta diferen-

ciação pessoal que a Escola precisa de habilitar-se e de preparar respostas.

Quando ouço falar de reformas no Ensino, angustio-me: mais tempo perdido; mais gerações em tratos de ratinho de laboratório! A primeira reforma teria por fundamento a humildade de procurar a sabedoria do acerto nas nossas próprias vivências. Um primeiro ciclo mais sério e exigente do que vem sendo há muito. Escusa de ser enciclopédico como aconteceu há muitas dezenas de anos; mas não pode dispensar-se do *saber ler, escrever e contar... e pensar* como meta que será oportunidade de exame, não só do aproveitamento, mas também das capacidades de cada aluno para um futuro que se apresenta com muitas alternativas. Deste patamar se poderá ver melhor o projecto, talvez já para uma meta final ainda que longínqua ou, pelo menos, para metas intermédias que serão ocasião de novo exame — certos de que «o homem se vai construindo por estratos, cada um garante do seguinte». Assim se poderia ver no conjunto das vias possíveis e encaminhar para as mais adequadas a cada qual. Quantas *economias* resultariam deste proceder, principalmente a que se refere a valores humanos, tantas vezes desgastados inutilmente!

Projectos — uma palavra bonita e frequentemente usada na linguagem oficial! Uma vez, recebemos, a pedido de um Tribunal, um menino de três anos. Semanas passadas uma pergunta do mesmo Tribunal: «Que projecto têm para o menino?» Nessa altura era demasiado cedo para uma resposta específica. Demos a genérica de Pai Américo: «Fazer de cada rapaz um homem» — o homem que ele for capaz de ser! Sem a avaliação atempada, lúcida, desta capacidade, nenhum projecto sobre o homem de amanhã tem garantia de seriedade.

Padre Carlos

## Setúbal

Continuação da página 1

que com ele se podem produzir. São os frutos que dão a conhecer a árvore e não o adubo e a água que a regam e alimentam.

Na Escola anda-se ao invés. Tanta preocupação com a burocracia dos parâmetros que, gasto o tempo com ela, pouco sobra para cuidar das árvores, os alunos, que haveriam de dar fruto. Mas como os frutos têm de aparecer aos olhos dos nossos vizinhos europeus, arranjam-se uns de plástico, coisa que os satisfazem e a que já estão habituados.

Depois, a vida mostrará que só aqueles que têm sumo é que são os verdadeiros frutos, e só esses serão desejados e apreciados.

Padre Júlio

## BENGUELA

## Alcoolismo

A mulher morreu. Estava connosco há muitos anos, como dezenas doutras mulheres que encontram, em nossa Casa, o pão-nosso de cada dia. Foi uma morte repentina. Não houve tempo, sequer, para a levar ao hospital. Há suspeita, fundada, de que foi a bebida alcoólica a causadora desta morte.

O alcoolismo mata muita gente. É uma verdadeira chaga social que dizima muitas vidas, inutiliza outras e lança na miséria muitas famílias e desfaz muitos lares. Atinge, neste momento, camadas sociais das variadas idades, desde a adolescência à juventude e idade adulta. Homens e mulheres caem facilmente nas suas garras implacáveis. Faz tremer. Na lista das vítimas inocentes deste mal estão, em primeiro lugar, as crianças. São os filhos que arrastam consigo as consequências injustas deste crime dos pais.

Muitas vezes chovem os pedidos sobre a nossa Casa do Gaiato para acolhermos as crianças que fogem da escola e abandonam os seus lares porque os pais andam perdidos das suas responsabilidades por causa do alcoolismo. Que fazer? Não podemos dizer, sim, pois, doutro modo, seria necessária uma Casa do Gaiato em cada bairro. O problema continuaria de pé, sem a solução adequada.

As indústrias de bebidas alcoólicas, por outro lado, multiplicam-se. São muito rentáveis, em termos económicos e financeiros. Não vemos, porém, o aparecimento de fábricas de sabão ou óleo alimentar, por exemplo, em quantidade suficiente para o abastecimento das necessidades básicas do nosso Povo. A importação do exterior é o caminho normal. Temos pena que seja assim! A procura do lucro volumoso e fácil é a lei que comanda os investimentos que deviam ser implantados nas áreas essenciais à vida das populações, também.

O ambiente degradado que o alcoolismo gera, reflecte-se na educação dos filhos. Os pais que o são, de verdade, sentem essa pressão. Também nós levamos bem presente esta dificuldade. Não nos cansamos de prevenir os que são nossos contra os males que as bebidas alcoólicas, em exagero, causam ao equilíbrio da pessoa. É uma tentação permanente a que estão sujeitos, sobretudo quando convivem com os supostos amigos, de fora, nos seus tempos livres. Temos sofrido algumas dores muito amargas. Contudo, não desanimamos e pedimos a todos os pais que estejam sempre alerta, porque o inimigo é muito traiçoeiro. E, mais ainda, porque gera dependência.

Uma forma eficaz na luta contra este e outros males, é a ocupação dos tempos livres de forma saudável, alegre e agradável. É preciso muito amor e disponibilidade da parte do educador. Mas não são os filhos o centro das atenções dos pais? Até quando? Sempre. As nossas crianças serão os jovens e os homens e as mulheres de amanhã. A propósito, num dos tempos livres, há dois dias, o concurso de papagaios foi um espectáculo que prendeu grande parte destes filhos.

A mulher de que vos falo acima, era mãe. Tem um filho em plena adolescência. Não tem pai, nem família para o acolher. Ficamos com esta herança da mãe. Estuda e aprende uma arte na nossa serrallharia. Esta é a parte que nos toca.

Padre Manuel António